

SANSÃO E DALILA (D. H. Lawrence)

Tradução e prólogo de Luíza Simões de Oliveira e Beatriz Viégas-Faria,
revisada por Andrea Cristiane Kahmann.

O escritor inglês D. H. Lawrence (1885-1930) é mais conhecido como romancista, e suas obras incluem os famosos *Filhos e amantes* (1913), *Mulheres apaixonadas* (1920) e *O amante de Lady Chatterley* (1928), todos adaptados para o cinema. Escreveu também contos, poemas, peças teatrais e narrativas de viagens. Filho de pai mineiro praticamente analfabeto e mãe refinada com alto nível de instrução, o escritor soube transportar para sua obra as tensões de um casamento entre pessoas de *backgrounds* tão dessemelhantes. O próprio Lawrence protagonizou uma história digna de ser ficcionalizada: em 1912, conheceu e apaixonou-se (e foi correspondido) por uma mulher casada. Frieda (Weekly na época) era uma aristocrata alemã, e os dois fugiram (deixando para trás os três filhos dela) para a Alemanha e depois moraram também na Itália. Em 1914, após o divórcio de Frieda, casaram-se na Inglaterra.

A enciclopédia Britannica (www.britannica.com) salienta que “as personagens [de D. H. Lawrence] estão continuamente vivenciando transformações, guiadas por processos inconscientes mais que por ideias, pensamentos ou intenções conscientes”. O “Sansão” e a “Dalila” do conto de D. H. Lawrence são exatamente assim, levados por instintos sexuais em suas atitudes, seus posicionamentos, suas interpretações para o que está acontecendo dentro deles mesmos e da outra pessoa com quem estão lidando. A interpretação dos fatos pelas personagens é guiada por afetos e desejos — e o autor guia com ricos detalhes o leitor, que vai descobrindo numa e noutra personagem seus conflitos interiores. Note-se que, dada essa temática, ou mesmo *apesar* dela, o conto tem uma comicidade surpreendente.

Traduzir o conto significou um belo trabalho de pesquisa para termos referentes a patentes militares, hospedagem de pessoas na Inglaterra, comportamentos de um povoado de mineiros ingleses de uma região específica, a Cornualha, no início do século XX. A descrição minuciosa do autor tanto para cenas de luta corporal quanto para cenas de diálogos entre o casal obriga o tradutor a ter (ou desenvolver) um ótimo domínio do uso dos verbos, tanto em suas cargas semânticas quanto em seus empregos sintáticos na língua portuguesa para questões de tempo, modo e aspecto verbal. Espera-se ter feito um bom trabalho, e que os leitores brasileiros deste texto de D. H. Lawrence possam usufruir de seu delicioso humor.

Sansão e Dalila

O texto *Samson and Delilah*, considerado fonte para esta tradução, é o disponível em:
<<https://ebooks.adelaide.edu.au/l/lawrence/dh/l41en/chapter7.html>> Acesso em: 13 mai. 2018.

Um homem desceu do ônibus que vai de Penzance para St. Just-in-Penwith e andou para o norte, morro acima em direção ao Polestar. Eram só seis e meia, mas as estrelas já apareciam, um ventinho gelado soprava do oceano, e a luz do farol logo abaixo dos penhascos pulsava, cristalina, três *flashes* a cada vez, no início da noite.

O homem estava sozinho. Caminhava sem hesitar, mas olhava de um lado para o outro com cautelosa curiosidade. As altas e arruinadas casas de energia para as minas de estanho apareciam na escuridão de tempos em tempos, como restos de alguma civilização já desaparecida. As luzes das muitas casas de mineiros espalhadas pela montanhosa escuridão piscavam desanimadas em sua desordem; no entanto, piscavam com o aconchego solitário de uma noite celta.

Ele caminhava sem parar, sempre atento e curioso. Era um homem alto e corpulento, parecia no auge da vida. Os ombros eram quadrados e enrijecidos, e ele se curvava um pouco ao caminhar, desde os quadris, como um homem que precisa curvar-se para não parecer tão alto. Mas ele não curvava os ombros; trazia as costas eretas e dobradas para frente desde os quadris.

De vez em quando, as figuras baixas, troncudas e de pernas grossas dos mineiros da Cornualha passavam por ele, que sempre lhes desejava boa noite, como que para insistir que estava em sua própria terra. Falava com um sotaque do oeste da Cornualha. À medida que andava pela triste estrada, olhando hora para as luzes das moradias em terra, hora para as luzes do além-mar, vendo navios mudar de rota ao avistarem o Farol Longships, vendo todo o Oceano Atlântico na escuridão e no espaço entre ele e a América, ele parecia animado e satisfeito consigo mesmo, atento e emocionado, num caminhar que acompanhava uma sensação de domínio e de poder num conflito.

As casas começavam a se avizinhar da estrada, com ele entrando na esparsa, disforme e desolada vila mineira que conhecia de tanto tempo atrás. À esquerda havia um pequeno espaço afastado da estrada, com as luzes acolhedoras de uma estalagem. Lá estava. Ele olhou para a placa: “O descanso do Mineiro”. Não conseguia se lembrar do nome do proprietário. Escutou. Havia conversas animadas e gargalhadas, a voz de uma mulher rindo de modo estridente entre vozes masculinas.

Curvando-se um pouco, ele entrou no bar de iluminação cálida. O lampião estava aceso, uma mulher rechonchuda ergueu-se da mesa de jogo, de tampo branco escovado, onde as cartas vermelhas e as cartas em preto e branco estavam espalhadas, e vários homens, mineiros, desviaram o olhar do jogo.

O estranho dirigiu-se ao balcão, escondendo o rosto. Seu boné estava enterrado na cabeça até as sobrancelhas.

— Boa noite! — disse a senhoria, com uma voz bem insinuante.
— Boa noite. Um copo de cerveja.
— Um copo de cerveja — repetiu ela com calma — Noite fria... mas estrelada.
— Sim — o homem concordou, lacônico. Depois completou, quando ninguém mais esperava que ele dissesse algo mais: — Tempo certo para a estação do ano.
— Exato, é o tempo certo — disse a senhoria. — Obrigada.

O homem levou o copo aos lábios e esvaziou-o. Colocou-o de volta no balcão de zinco com barulho.

— Mais um — ele disse.

A mulher tirou a cerveja no copo, e o homem foi com ele até a segunda mesa, perto da lareira. A mulher, depois de um momento de hesitação, voltou para sua cadeira à mesa de jogo. Havia reparado no homem: um cara grande, bonito, bem vestido, um estranho.

Mas ele falou com aquele sotaque corno ianque que ela supunha ser de uma fala anasalada natural entre os mineiros.

O estranho apoiou o pé no guarda-fogo da lareira e observou as chamas. Era bonito, tom de pele bonito também, com as sobrancelhas bem desenhadas da Cornualha e os costumeiros olhos escuros, brilhantes e indiferentes dos homens da Cornualha. Parecia absorto em pensamentos. Então olhou para o grupo de jogadores.

A mulher era rechonchuda e saudável, tinha cabelo escuro e olhos castanhos, pequenos e rápidos. Emanava vida e vigor, e a energia que colocava no jogo de cartas animava todos os homens, que gritavam e riam, e a mulher segurava os seios, rindo com estridência.

— Minha nossa, isso vai me matar — ela ofegou. — Ora, vamos, Sr. Trevorrow, sem roubalheira. Sem roubalheira, estou dizendo, ou eu vou recolher as cartas.

— Sem roubalheira! Mas, ora bolas, quem é que está roubando? — falou num arranque o Sr. Trevorrow. — A senhora está me acusando? Como se eu não estivesse jogando de modo correto, Sra. Nankervis?

— Estou acusando, sim senhor. E eu estou falando sério. O senhor já não pegou a rainha de espadas? Ora, vamos, não tente me enganar. Eu sei que o senhor está com a rainha, tão certo como eu sei que o meu nome é Alice.

— Bom... se o seu nome é Alice, a senhora tem que ver a carta...

— Sim senhor... O que foi que eu disse? Já viram alguém assim? E digo mais: a sua patroa deve ser fácil de enganar, pelo jeito.

E ela teve uma crise de riso. Foi interrompida pela entrada de quatro homens de uniforme: um sargento baixinho e atarracado de meia idade, um jovem cabo e dois jovens soldados rasos. A mulher se recostou bem recostada em sua cadeira.

— Minha nossa! — ela gritou. — Se não são os meninos que estão de volta! Tudo com cara de morto, pelo jeito.

— Mortos, mamãezinha? — exclamou o sargento. — Ainda não.

— Mas quase — disse um dos jovens soldados, um bronco.

A mulher se levantou.

— Tenho certeza que sim, meus queridos. Vão querer jantar. Estou bem arranjada!

— Sim, é uma boa pedida, jantar.

— Vamos beber alguma coisa primeiro — disse o sargento.

A mulher se apressou em pegar as bebidas. Os soldados foram em direção à lareira, estendendo as mãos para o fogo.

— Vão querer jantar aqui? — ela perguntou. — Ou na cozinha?

— Vamos comer aqui — disse o sargento. — Mais confortável, se é que não se importa.

— Podem comer onde quiserem, meninos, onde quiserem.

Ela desapareceu. Dali a um minuto, uma garota de uns dezesseis anos entrou. Era alta e bem-disposta, olhos escuros, juvenis e inexpressivos, sobancelhas bem desenhadas, e tinha a suavidade e inconsequência imaturas do tipo celta sensual.

“Oi, Maryann! Boa noite, Maryann! Como está, Maryann?” foram os vários cumprimentos.

Ela respondia a todos com uma voz macia, um estranho e suave *aplomb* que era encantador. E andava pelo salão com movimentos bastante mecânicos e atraentes, como se seus pensamentos estivessem em outro lugar. Mas ela sempre tinha esse quê de leve distanciamento em sua postura: uma espécie de modéstia. O estranho perto do fogo observou-a com curiosidade. Em seu rosto de tez uniforme surgiu uma curiosidade inconsciente, muito interessada, alerta.

— Vou jantar com vocês, se for possível — ele disse.

Ela olhou para ele, um olhar límpido e irracional, como o de uma criatura não-humana.

— Vou perguntar à minha mãe — ela disse. A voz era suave, gentil e monótona.

Quando ela voltou:

— Sim — disse ela, quase sussurrando — O que vai querer?

— O que tem? — ele disse, levantando o olhar para o rosto dela.

— Tem carne fria...

— Então é o que eu quero.

O estranho se sentou no canto da mesa e comeu com os soldados cansados e quietos. Agora a senhoria estava interessada nele. Suas sobancelhas estavam unidas e tensas, e havia um olhar de pânico em seu rosto grande e saudável, mas os olhinhos castanhos estavam fixos nele de forma muito perigosa. Era uma mulher grande, mas os olhos eram pequenos e tensos. Chegou-se para perto do estranho. Estava usando uma blusa de flanela de estampa extravagante e uma saia escura.

— O que vai querer beber com o jantar? — ela perguntou, e havia em sua voz uma nova e perigosa tonalidade.

Ele se moveu, desconfortável.

— Ah, vou continuar com a cerveja.

Ela tirou mais um copo de cerveja para ele. E então sentou-se no banco da mesa, com ele e os outros soldados, fixou nele sua atenção.

— Você veio de St. Just, não veio? — perguntou.

Ele dirigiu para ela os olhos límpidos, escuros e impenetráveis de um homem da Cornualha e respondeu depois de um tempo:

— Não, eu vim de Penzance.

— Penzance! ... Mas você não está pensando em voltar para lá esta noite, está?

— Não... Não.

Ele ainda olhava para ela com aqueles olhos grandes e límpidos, que pareciam ágatas muito brilhantes. Ela começou a se irritar. Dava para ver em seu semblante. E, no entanto, a voz ainda era suave e depreciativa.

— Imaginei que não. Mas você não mora aqui na região, mora?

— Não... Não, eu não moro aqui. — Ele era sempre lento em responder, como se algo intervisse entre ele e qualquer pergunta que lhe fizessem.

— Ah, entendo — ela disse. — Você tem família por aqui.

Ele olhou direto nos olhos dela de novo, como se a olhasse para obrigá-la a se calar.

— Sim — ele disse.

E ele não disse mais nada. Ela se levantou de repente, com um saracoteio. A raiva estampava-se clara em seu rosto. Não houve mais risadas nem jogo de cartas aquela noite, embora ela mantivesse seu jeitinho manso, maternal e bem-humorado com os homens. Mas eles a conheciam, e todos tinham medo dela.

O jantar havia terminado, tirou-se a mesa, e o estranho não foi embora. Dois dos jovens militares foram dormir, e se despediram:

— Boa noite, mãezinha. Boa noite, Maryann.

O estranho conversou um pouco com o sargento sobre a guerra, que estava em seu primeiro ano, sobre o novo exército e um fragmento do exército que estava aquartelado no seu distrito, e ainda sobre os Estados Unidos.

Os olhinhos da senhoria dardejavam na direção dele, e uma tempestade elétrica ia se avolumando em seu peito à medida que o tempo passava e o estranho não ia embora. Ela tremia com um fervor reprimido e violento, algo aterrorizante e anormal. Não conseguia ficar sentada quieta por mais de um instante. Sua figura pesada parecia sacudir, tantos eram os súbitos movimentos involuntários à medida que os minutos passavam e o homem continuava ali, sentado. Até que, no coração dela, a agonia ficou insuportável. Ela podia ver os ponteiros do relógio se movimentando. Três dos soldados já tinham ido dormir, e só o velho sargento permanecia ali, com seu corte de cabelo militar, com seu aspecto de cão terrier.

A senhoria sentou-se atrás do bar, manuseando o jornal com gestos espasmódicos. Olhou outra vez para o relógio. Finalmente eram cinco para as dez.

— Senhores... o inimigo! — ela disse, a voz baixa e furiosa. — A hora, por favor. A hora, meus queridos. E uma boa noite para todos!

Os homens começaram a sair, com um breve boa-noite. Faltava um minuto para as dez horas. A senhoria se levantou.

— Vamos — disse ela. — Vou chavear a porta.

Os últimos mineiros saíram. Ela esperou, de pé, atarracada e ameaçadora, segurando a porta aberta. Mesmo assim, o estranho ficou sentado perto do fogo, fumando, com o sobretudo preto aberto.

— Estamos fechados agora, senhor — disse a voz perigosa e apertada da senhoria.

O sargento de aspecto canino, pragmático, tocou o braço do estranho.

— Hora de fechar — ele disse.

O estranho se virou em sua cadeira, e seus olhos rápidos e escuros como duas joias foram do sargento para a senhoria.

— Vou passar a noite aqui — ele disse, com seu lacônico sotaque corno ianque.

A senhoria pareceu crescer. Seu olhar elevou-se de modo estranho e assustador.

— Ah! Claro! — ela gritou. — Ah, claro! E com ordens de quem, posso saber?

Ele olhou para ela mais uma vez.

— Ordens minhas — ele disse.

Ela fechou a porta num gesto involuntário e avançou no salão como um pássaro grande e perigoso. O volume da voz aumentou, um quê de rouquidão nela.

— E quais são as *suas* ordens, se me faz o favor? — ela gritou. — *Quem seria* o senhor, por acaso, para dar ordens nesta casa?

Ele continuou sentado, quieto, observando a senhoria.

— Você sabe quem eu sou — disse ele. — Pelo menos eu sei quem *você é*.

— Ah, o senhor sabe! O senhor sabe, não é? E quem *sou eu*, então, se pode fazer o favor de me dizer?

Ele a encarou com seus olhos brilhantes, escuros.

— Você é a minha mulher; isso é o que você é — ele disse. — E você sabe disso tão bem quanto eu.

Ela deu um pulo, como se algo tivesse explodido dentro dela.

Os olhos dela cresceram, furiosos, e pareciam estar em brasa.

— Ora, que história! Como se eu soubesse! — gritou ela. — Eu não sei nada disso! Não sei nada disso! O senhor acha que um homem vai entrar nesta estalagem e me dizer sem mais nem menos que eu sou a mulher dele e eu vou acreditar? ... Eu lhe digo, seja lá quem for, que o senhor está redondamente enganado. Sei que não sou a sua mulher, e vou lhe pedir a gentileza de sair desta casa neste instante, antes que eu chame os que vão lhe pôr da porta pra fora.

O homem pôs-se de pé, esticando um pouco a cabeça na direção da mulher. Era um belo exemplar de homem da Cornualha, no auge de seu vigor físico.

— O que você está dizendo, hein? Que não me conhece? — disse ele, a voz ritmada e desprovida de emoção, mas um tanto abafada e insistente; lembrava a voz da garota. — Eu ia reconhecer você em qualquer lugar, fique sabendo. Eu ia reconhecer! Eu não ia precisar olhar duas vezes para reconhecer você, fique sabendo. Agora você sabe quem eu sou, não sabe?

A mulher estava desconcertada.

— Isso é o que você diz — respondeu ela, em *staccato*. — É o que você diz. E isso é fácil. Meu nome é conhecido e respeitado pela maioria das pessoas num raio de dezesseis quilômetros. Mas *eu não conheço você*.

A voz dela mudou para um tom de sarcasmo.

— Não posso dizer que conheça você. Você é um *completo estranho* para mim, e eu duvido que o tenha visto antes desta noite.

A voz dela estava melódica e sarcástica.

— Sim, você me viu antes, sim — respondeu o homem, em seu modo de ser razoável. — Sim, me viu antes. Seu sobrenome é o meu sobrenome, e aquela menina, Maryann, é a minha menina, minha filha. Você é a minha mulher, com certeza. Tão certo quanto eu sou Willie Nankervis.

Ele falou como se aquilo fosse um fato dado. Seu rosto era bonito, alerta, e havia uma estranha vigilância e determinação básica em suas intenções que a deixavam fora de si.

— Seu canalha! — ela gritou. — Seu canalha! Entrar aqui nesta casa e ter o topete de falar comigo. Seu canalha, cafajeste, cretino!

Ele olhou para ela.

— Sim — respondeu ele, impassível. — Eu sou isso tudo. — Estava desconfortável diante dela. Só que ele não tinha medo dela. Havia algo de impenetrável nele, como seus olhos, que brilhavam como ágatas.

Ela cresceu e aproximou-se dele de forma ameaçadora.

— Você vai sair desta casa, entendeu? — E bateu com o pé no chão, numa fúria repentina — *Neste minuto!*

Ele a observou. Sabia que ela queria bater nele.

— Não — disse ele, com uma ênfase reprimida. — Já disse: vou passar a noite aqui.

Tinha medo da personalidade dela, mas isso não o perturbou. Ela vacilou. Seus olhinhos castanhos se concentravam num ponto de fúria intensa e cega, como os de um tigre. O homem estava se retraindo, mas não se moveu de onde estava. Então ela considerou consigo mesma: iria reunir suas forças.

— Veremos se você vai passar a noite aqui — disse ela. Deu as costas a ele, com um erguer dos olhos que era curioso e de dar medo, e assim se retirou do salão. O homem, atento aos sons, escutou-a subir a escada, escutou-a bater à porta de um quarto, escutou-a dizer:

— Vocês se importam de descer um minuto, rapazes? Estou precisando de vocês. Estou com um probleminha.

O homem no bar tirou o boné e o sobretudo preto e jogou-os na cadeira atrás de si. Seu cabelo preto era cortado curto e grisalho nas têmporas. Ele usava um terno cinza escuro bem cortado, de estilo americano, e camisa social. Parecia estar bem de vida; era a imagem sólida e bonita de um homem. A rigidez dos ombros vinha do fato de ter quebrado a clavícula nas minas, não só uma, mas duas vezes.

O sargentinho terrier, em seu uniforme sujo, meio que olhava para ele de vez em quando.

— Então ela é a sua patroa? — perguntou, apontando com um gesto de cabeça a direção em que a mulher havia saído.

— Sim — vociferou o homem. — É a minha patroa, com certeza.

— Não vê ela há muito tempo, não é?

— Dezesseis anos no próximo março.

— Hmm!

E o sargento, lacônico, voltou a fumar.

A senhoria estava voltando, acompanhada dos três jovens soldados, que entraram muito tímidos, trajando só calça, camisa e meias. A mulher parou-se no canto do bar, uma figura histriônica, e exclamou:

— Esse homem se recusa a sair da estalagem, alegando que vai passar a noite aqui. Vocês sabem muito bem que não tenho cama sobrando, certo? E o meu estabelecimento não hospeda viajantes. Ainda assim, ele quer passar a noite, apesar de tudo! Mas não enquanto eu tiver uma gota de sangue no meu corpo, e isso eu afirmo até o meu último suspiro antes de morrer. E se vocês, homens, forem dignos de serem chamados de homens, vão ajudar uma mulher que não tem quem a ajude.

Os olhos dela cintilavam, o rosto numa vermelhidão só. Estava preparada como uma amazona.

Os jovens soldados não sabiam o que fazer. Olhavam para o homem, olhavam para o sargento, um deles olhou para baixo e ajustou o suspensório na altura certa.

— O que o senhor acha, sargento? — perguntou um deles, com o rosto cintilando, louco por um pouco de ação maldosa.

— Ele diz que é o marido da Sra. Nankervis — disse o sargento.

— Ele não é meu marido. Garanto que nunca nem pus os olhos nele antes desta noite. É um truque sujo, nada mais que um truque sujo.

— Ora, sua mentirosa, dizendo que nunca pôs os olhos em mim antes — rosnou o homem próximo à lareira. — Você é casada comigo, sim senhora, e aquela menina, Maryann, é filha sua e minha... e você sabe disso muito bem.

Os jovens soldados se deliciavam com a cena, e o sargento fumava, impassível.

— Sim — disse a senhoria de modo musical, balançando devagar a cabeça num gesto de negação, no máximo do sarcasmo —, é uma historinha bonitinha, não é? Mas, como você pode ver, não acreditamos em nada disso. E *como* que você vai provar o que diz? — ela sorriu, maliciosa.

O homem ficou silêncio por um momento e então disse:

— Isso não precisa de provas.

— Ah, mas precisa, sim! Ah, claro que precisa, sim senhor, precisa de muitas provas! — cantou a mulher com sarcasmo. — Não somos tão bobos a ponto de acreditar em todo esse seu blábláblá.

Mas ele continuou imóvel perto do fogo. Também de pé, ela tinha uma das mãos sobre a superfície de zinco do balcão do bar; o sargento estava sentado de pernas cruzadas,

fumando, em um banco a meio caminho entre os dois; os três soldados, em suas camisas e suspensórios, estavam ali, vacilantes, na penumbra, atrás do bar. Todos estavam em silêncio.

— A senhora tem notícia do paradeiro do seu marido, Sra. Nankervis? Ele ainda está vivo? — perguntou o sargento, de modo ponderado.

De repente, a senhoria começou a chorar, grandes e quentes lágrimas que deixaram os rapazes apavorados.

— Não sei nada dele — soluçou ela, tateando o bolso em busca de seu lençinho. — Foi embora quando Maryann era bebê, para garimpar minério na América. Depois de uns seis meses, não voltou a escrever uma linha sequer nem nunca nos mandou um centavo. Não sei se está vivo ou morto, o cretino. Tudo o que ouvi dele era ruim... e não ouço nada dele há anos — soluçou violentamente.

O homem perto da lareira, belo, de pele bronzeada, assistiu-a chorar. Estava assustado, consternado, aturdido, mas não se deixou alterar por nenhuma de suas emoções.

Não se ouvia som algum no salão além do violento soluçar da senhoria. Os homens, todos eles, ficaram sem ação.

— Não acha que é melhor ir embora, pelo menos por hoje? — disse o sargento para o homem, com brandura e sensatez. — É melhor você esquecer isso por um momento, e depois vocês dois combinam alguma coisa entre vocês. Você não pode se achar com direito sobre uma mulher, penso eu, se as coisas são como ela diz. E você apareceu para ela assim muito de repente.

A senhoria soluçava de forma dolorida. O homem observava o movimento de seus seios fartos. Eles pareciam ter jogado um feitiço em sua mente.

— Como eu a tratei não é o que interessa aqui — respondeu. — Eu voltei e vou passar a noite na minha própria casa... por um tempo, pelo menos. E esta é a minha resposta.

— Uma atitude nojenta — disse o sargento, seu rosto ficando vermelho. — Uma atitude nojenta, voltar depois de ter abandonado a mulher por tantos anos e querer se pôr à força em cima dela! Uma atitude nojenta... uma coisa que a lei não permite!

A senhoria enxugou os olhos.

— O senhor não precisa se preocupar nem com a lei nem com coisa nenhuma — exclamou o homem com uma voz estranha e forte. — Esta noite eu não arredo pé daqui desta casa.

A mulher se virou para os soldados atrás dela e disse, em um tom persuasivo e sarcástico:

— E nós vamos aturar isso, rapazes? ... Vamos nos deixar derrotar assim, Sargento Thomas, por um cafajeste desses, que chega aqui nos intimidando, que teve *sabe-se lá* que vida naqueles campos de mineração dos Estados Unidos, e que de repente aparece de volta e quer arruinar a vida e as economias de uma pobre mulher, depois de a ter abandonado com um bebê de colo para lutar do jeito que podia? Vai ser uma grande vergonha se ninguém me defender... uma grande vergonha!

Os soldados e o sargento baixinho estavam arrepiados. A mulher se curvou e procurou algo embaixo do balcão por um minuto. Então, fora da vista do homem perto da

lareira, arrancou de lá uma corda trançada, de fibras naturais, como as que se usam para amarrar fardos de feno, e deixou-a ali no chão, perto dos pés dos soldados, na penumbra atrás do balcão.

Ela então se pôs ereta e confrontou a situação.

— Vamos — disse ao homem num tom razoável, frio e persuasivo —, coloque o seu casaco e nos deixe em paz. Seja um homem, e não algo pior que um bruto de um alemão. Você pode conseguir pouso em St. Just e, se não tem como pagar, o sargento aqui com certeza pode emprestar umas moedas.

Todos os olhos estavam fixos no homem. Ele olhava a mulher de cima, como uma criatura enfeitiçada ou possuída pela intenção de algum demônio.

— Eu tenho dinheiro — disse ele. — Você não precisa se preocupar pelo seu dinheiro, eu tenho mais que o suficiente no momento.

— Bem, então — insistiu ela de modo frio, quase zombeteiro — coloque o seu casaco e vá para onde é bem-vindo... seja um *homem*, e não um bruto de um alemão.

Ela se havia aproximado dele, com sua intenção desafiadora e persuasiva. Ele a olhou de cima, com o semblante enfeitiçado.

— Não, não vou sair — disse ele. — Não vou mesmo. *Você* vai me dar pouso por esta noite.

— Ah, vou, é? — exclamou ela. E, num movimento súbito, abraçou-se a ele com todo o peso de seu corpo e agarrou seus braços enquanto gritava para os soldados: — Peguem a corda, rapazes, e amarrem ele. Alfred... John, rápido...

O homem recuou, lançou ao redor de si um olhar enlouquecido e movimentou com violência seu forte corpo. Mas a mulher também era forte, e muito pesada, e estava agarrada a ele com uma determinação de vida ou morte. O rosto dela, que batia no peito dele, erguia-se para encará-lo, ela com seu olhar exultante e terrivelmente vingativo; ele moveu a cabeça para trás num gesto frenético, tentando se livrar do olhar dela. Enquanto isso, os jovens soldados, depois de assistirem por um momento àquela assustadora luta de um Laocoonte contra a serpente, mexeram-se, e o mais maldoso dos três lançou-se rápido à cena, com a corda — que estava um pouco emaranhada.

— Me dê uma ponta — gritou o sargento.

O grandalhão, em seu convulsivo esforço para se libertar, arremeteu com o corpo na peleja e fez a mulher girar contra a cadeira e a mesa. Mas ela, como um polvo, o envolvia com seu próprio peso e segurava os braços dele. Ele arremetia e balançava o corpo, e os dois se batiam aqui e ali pelo salão, os soldados se desviando aos pulos, quase virando os móveis.

O soldado, com a ajuda do ágil sargento, havia conseguido dar uma volta de corda. A mulher abaixou-se, pesada, e então, juntos, conseguiram enlaçar o homem. Na luta, a vítima caiu contra a mesa. As cordas foram apertadas até começarem a lhe cortar os braços. A mulher agarrou-se aos joelhos do homem. Um outro soldado correu e, numa ação brilhante, prendeu os pés do estranho com o seu suspensório. Cadeiras caíram, e a mesa foi atirada contra a parede, mas o homem estava preso, os braços colados no corpo, e os pés, amarrados. Meio caído contra a mesa, ele estava agora quieto por um momento.

A mulher se levantou para em seguida desabar, fraca, na cadeira encostada à parede. Seu peito arfava, ela não conseguia falar e pensou que estava morrendo. O homem amarrado estava caído de encontro à mesa virada, o casaco todo retorcido e puxado para cima, debaixo das cordas, o que deixava sua calça justa à vista, a genitália bem delineada. Os soldados ficaram em volta, um pouco atordoados, mas animados com a briga.

O homem começou a se debater outra vez, arremetendo com o corpo de forma instintiva, forçando as cordas, respirando pesado. Seu rosto de pele bronzeada estava vermelho de raiva e de tanto esforço, e ele se debatia ainda outra vez. As veias grossas de seu pescoço latejavam. Mas não tinha jeito, e ele então relaxou. De repente, de novo, mexeu os pés em violentos safanões.

— Outro suspensório, William — gritou o soldado mais entusiasmado. Ele se jogou nas pernas do homem amarrado e conseguiu prender-lhe os joelhos. Mais uma vez, o grandalhão ficou parado. Todos podiam ouvir o ponteiro do relógio marcando os segundos.

A mulher olhou para a figura caída, braços e pernas fortes e retos, as poderosas costas presas, entregues, o rosto de olhos arregalados que lhe traziam à lembrança um bezerro preso numa saca dentro de uma carroça, só a cabeça, impotente, esticada para trás. Ela havia triunfado.

Aquele corpo preso começou a se debater outra vez. Ela observou com fascinação os músculos trabalhando, os ombros, o quadril, as coxas largas e bem definidas. Mesmo agora talvez ele conseguisse se libertar das cordas. Ela estava com medo. Mas o soldado jovem e entusiasmado com a briga sentou no ombro do homem preso, e, depois de alguns momentos de perigo, o grandalhão se acalmou de novo.

— Agora — disse o sargento ponderado para o homem preso —, se desamarramos você, promete ir embora sem causar mais problemas?

— Vocês não vão desamarrar ele aqui dentro — gritou a mulher. — Eu não confio nele solto, a menos que eu possa bater nele.

Houve um silêncio.

— Podemos carregar ele lá pra fora e depois desamarrar — disse o soldado. — E daí a gente chama a polícia se ele aprontar de novo.

— Sim — disse o sargento. — Podemos fazer isso. — E continuou, num tom alterado e quase severo, dirigindo-se ao prisioneiro: — Se você for desamarrado lá fora, vai pegar o casaco e ir embora sem mais problemas?

Mas o prisioneiro não respondeu, apenas ficou parado, os olhos grandes, escuros e brilhantes como os de um animal preso. Houve um momento de silêncio e perplexidade.

— Bom, mas então tratem de fazer o que estão dizendo — disse a mulher, irritada. — Carreguem ele lá pra fora, e vamos fechar a estalagem.

Assim foi feito. Os quatro militares levantaram o homem do chão e cambalearam desajeitados dali para a praça deserta e silente à frente da estalagem, a mulher vindo atrás com o boné e o sobretudo. Os jovens soldados tiraram com rapidez os suspensórios das pernas do prisioneiro e correram para dentro. Estavam só de meias nos pés, e lá fora as

estrelas cintilavam sobre a terra gelada. Eles ficaram assistindo da porta. O homem deixou-se ficar ali, deitado, sem se mexer, no chão gelado.

— Agora — disse o sargento, com voz calma — vou afrouxar o nó, e ele vai poder se soltar sozinho. E a senhora precisa entrar.

Ela olhou uma última vez para o homem preso e desganhado, enquanto ele se punha sentado. Então foi para dentro da casa, seguida de perto pelo sargento. O homem os ouviu chavar a porta e passar trancas.

Sentado no chão lá fora, ele se concentrou em afrouxar a corda. Mas, mesmo agora, não estava assim tão fácil se desamarrar. Então, com as mãos presas e com dificuldade, ele se pôs de pé e andou um pouco e trabalhou a corda contra a quina áspera de um muro velho. A corda, feita de um tipo de capim trançado, logo se desfez até partir, e ele se libertou. Tinha várias contusões. Os braços estavam machucados e roxos nos pontos onde as cordas o tinham prendido. Esfregou os braços devagar. Depois ajeitou suas roupas no corpo, curvou-se, colocou o boné, vestiu o sobretudo com dificuldade, e foi embora.

As estrelas brilhavam muito. Claro como cristal, o feixe de luz do farol abaixo dos penhascos pulsava em seu ritmo. Atordoado, o homem foi andando pela estrada que passava pelo cemitério. Então parou e ficou encostado num muro por um bom tempo.

Depois teve de se mexer, pois estava com os pés gelados. Logo se recompôs, deu meia-volta no silêncio da noite e andou outra vez em direção à estalagem.

O bar estava no escuro. Havia, porém, uma luz na cozinha. Ele hesitou. E então, sem fazer barulho, tentou abrir a porta.

Ficou surpreso ao descobrir que estava aberta. Entrou e fechou a porta atrás de si com cuidado para não fazer barulho. Desceu o degrau que havia depois do balcão do bar e entrou pela porta iluminada da cozinha. Lá estava sua esposa, plantada na frente do fogão, onde ardia um fogo feito da queima de tojo. Sentada numa cadeira bem de frente para o fogão, estava com as pernas abertas para o guarda-fogo. Ela o encarou por sobre o ombro quando ele entrou, mas não disse nada. Apenas voltou a encarar o fogo.

Era uma cozinha pequena e estreita. Ele largou o boné na mesa coberta por uma toalha de mesa impermeável, amarelada, e sentou de costas para a parede, perto do forno. Sua esposa continuava de pernas abertas, pés apoiados no guarda-fogo de aço, encarando as chamas, imóvel. Sua pele era macia e rosada à luz do fogo. Tudo na casa era muito limpo e brilhante. O homem também ficou em silêncio, cabeça baixa. E assim eles ficaram.

A questão era saber quemalaria primeiro. A mulher inclinou-se para a frente e mexeu nas pontas dos gravetos que estavam entre as barras do fogão. Ele ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Foram para a cama, os outros? — perguntou.

Mas ela continuou fechada em seu silêncio.

— Noite fria, lá fora — disse ele, como que para si mesmo.

Pôs a grande mas bonita mão de trabalhador na parte de cima do fogão, que era preta, bem polida, totalmente lisa. Ela se recusava a olhar para ele, mas o observava pelo canto dos olhos.

Os olhos deles estavam fixos nela, brilhantes, as pupilas dilatadas e elétricas como as de um gato.

— E eu fui escolher logo você, entre milhares de mulheres — ele disse. — Apesar de você ser maior do que eu imaginava. Boa de carnes, você.

Ela ficou em silêncio por mais um tempo. Então se virou na cadeira para ele.

— Que ideia você faz de si mesmo — disse ela —, aparecendo aqui, desse jeito, depois de mais de quinze anos? Você acha que não ouvi falar de você também, em Butte City e outros lugares?

Ele a estava observando com seu olhos claros, translúcidos e incontestáveis.

— Sim — ele disse. — Fofocas vêm e vão... Eu ouvia falarem de você de tempos em tempos.

Ela se empertigou.

— E que mentiras você ouviu sobre *mim*? — quis saber, orgulhosa.

— Não sei se ouvi alguma mentira... só que você estava indo muito bem, esse tipo de coisa.

A voz dele foi ficando cautelosa e neutra. A raiva dela aflorou de novo, violenta, mas ela a controlou, por causa do perigo que ele representava, e, mais ainda, talvez, por causa da beleza daquela cabeça de homem e da harmonia daquelas sobrancelhas, coisas que ela não aguentaria perder.

— Isso é mais do que eu posso dizer de *você* — ela disse. — Ouvi falarem mais mal do que bem de *você*.

— É, eu imagino. — disse, olhando para o fogo. Fazia tempo que não via tojo queimando, pensou consigo mesmo. Houve um silêncio, durante o qual ela observou o rosto dele.

— Você tem coragem de dizer que é *homem*? — ela disse, mais em desdenhosa reprovação que raiva. — Abandonar uma mulher como você me abandonou, sem se importar com coisa nenhuma! E então voltar *desse* jeito, sem uma única palavra para se defender.

Ele se mexeu na cadeira, plantou os pés no chão, bem separados, escorou os braços nos joelhos e olhou para o fogo, sem responder. A cabeça dele e a cabeleira preta e densa estavam tão perto dela que ela mal se conteve e se afastou como se pudessem morder.

— Você chama isso que fez de uma atitude de *homem*? — repetiu ela.

— Não — ele disse, empurrando com os dedos os gravetos para o fogo. — Eu não chamo de nada, que eu saiba. Nem é bom chamar as coisas de uns nomes por aí, que eu saiba.

Ela observou os movimentos dele. Havia uma pausa cada vez maior entre uma fala e outra, mas nenhum dos dois percebia isso.

— Eu *me pergunto* o que você pensa de si mesmo! — exclamou ela, com uma ênfase irritada. — Eu *me pergunto* que tipo de pessoa você acha que é! — ela estava verdadeiramente perplexa, além de irritada.

— Bom — disse ele, erguendo o rosto para olhar nos olhos dela —, eu acho que vou responder pelos meus erros se outras pessoas responderem pelos seus.

O coração dela bateu com força, incandescente, quando ele levantou o rosto para encará-la. Ela respirava de forma pesada, desviando o olhar, quase perdendo o autocontrole.

— E o que você acha que *eu* sou? — ela exclamou, sentindo-se impotente.

O rosto dele estava levantado para ela, e ele a observava, vendo seu rosto macio, o olhar dela evitando o dele, o suave volume de seus seios no sobe e desce da respiração.

— Eu acho — ele disse, com aquela sinceridade sucinta que tinha tanto poder sobre ela — que você é danada de gostosa... maldito seja eu se você não é a mulher mais gostosa que já vi, e ainda por cima bonita. Eu não esperava que você fosse ficar tão boa de carnes, essa é a verdade: eu não esperava.

O coração dela bateu com força, incandescente, enquanto ele a encarava com aqueles brilhantes olhos de ágata.

— Pois fiquei bonitona *pra você!* Por quinze anos, pel'amor de deus! — ela retrucou.

Ele não deu resposta a isso, mas cravou seus brilhantes e ligeiros olhos nela.

E então levantou da cadeira. Ela se sobressaltou sem querer. Mas ele apenas disse, do seu jeito lacônico e calculado:

— Agora está quente aqui.

Tirou o sobretudo, atirou-o na mesa. Ela continuou sentada, como se um pouco intimidada, quando ele fez isso.

— Aquelas cordas me deram o que forcejar — disse ele devagar, passando as mãos nos braços, de novo sentado na cadeira.

Assim mesmo ela continuou sentada diante dele, um pouco intimidada.

— Você foi esperta, não é? Me segurando daquele jeito, hã? — começou a sorrir bem devagar. — Você me pegou, e me pegou de jeito. Que coisa, você me pegou de jeito... de jeito mesmo.

Ele se inclinou para a frente na cadeira, para perto dela.

— Não estou com raiva de você por isso, de modo algum, pelo contrário. Coragem numa mulher é o que eu admiro. E admiro mesmo.

Ela só olhava para o fogo.

— A gente ficou atraído um pelo outro desde o início, nós dois. E, eu juro, você sentiu isso de novo no instante em que me viu, sentiu, sim. Que coisa, você foi esperta demais pra mim. Uma bela duma mulher, e me chama pra uma bela duma briga. Que coisa, duvido que eu fosse encontrar uma mulher nos Estados Unidos que pudesse me derrubar daquele jeito. Uma mulher linda e maravilhosa é o que você é, e essa é a verdade, agora mesmo neste minuto.

Ela só brilhava diante do fogo.

— Com tanta coragem quanto um homem pode querer encontrar numa mulher, e isso é tão verdade quanto eu estar aqui — disse ele, estendendo a mão e arriscando enfiá-la com muita calma no meio daqueles volumosos e quentes seios.

Ela se sobressaltou e pareceu estremecer. Mas a mão dele se insinuou entre os seios dela, enquanto ela continuava a encarar o fogo.

— E não ache que eu voltei pra cá implorando — disse — Tenho mais de *mil* libras em meu nome, tenho mesmo. E um pouco de briga pra se acertar os ponteiros me agrada, e me agrada mesmo. Mas isso não quer dizer que você vai negar que é minha mulher...